

## Feijão: Comportamento dos preços confirma incapacidade do governo em intervir no mercado. Mas melhora somente no médio prazo. Conab reestima safra 2006/07

Em abril último a Conab reviu sua estimativa para a produção de feijão na safra 2006/07. Segundo a Companhia, devem ser colhidos no Brasil, agora, 3,58 milhões de toneladas, volume que será apenas 3,4% superior ao colhido em 2005/06. Este volume, apesar de maior que o obtido na safra passada, é inferior àquele estimado até o início do ano, quando a Conab estimava a colheita de até 3,78 milhões de toneladas, que se confirmado seria mais de 9% superior ao obtido em 2005/06.

Na realidade, fica claro que a elevação na produção se dá em função do volume da primeira safra, de 1,46 milhão de toneladas, 27,5% superior ao colhido em 2005/06. Os elevados preços da comercialização da safra 2005/06, combinados com a queda nas cotações do milho e soja foram os responsáveis por este comportamento. Para a Região Sul, o aumento foi ainda maior, de 35,3%, uma vez que o principal Estado produtor é o Paraná, onde se colheram 844 mil toneladas em 2006/07, 32% acima do colhido na safra passada.

Os baixos preços do produto no mercado interno aos produtores, entretanto, trouxe a queda na área plantada na segunda-safra em praticamente todo o Brasil, o que está trazendo o recuo de 11% na segunda safra, que deve ser de 1,29 milhão de toneladas, contra 1,46 milhão colhidas em 2005/06. Além dos baixos preços na comercialização da primeira safra, outro fator que estimulou a queda na área plantada na segunda-safra foram os elevados preços do milho, cuja produção da safrinha deve ser recorde neste ano no Brasil.

Com os baixos preços do feijão na comercialização da primeira e segunda safra, a estimativa da Conab é novamente o recuo na produção da terceira safra em pelo menos 4%, com um volume de apenas 824,4 mil toneladas obtidas em todo o país. Isto decorre da estrutura produtiva desta produção, geralmente concentrada nos grandes produtores do Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste do país, onde produtores nos Estados de Goiás, Minas Gerais e Bahia, principalmente, formatam suas áreas de produção dependendo dos preços do produto no mercado interno. Assim, baixos preços neste mercado, trazem queda na produção desta safra.

**Feijão: Produção no Brasil em 2005/06 e 2006/07 - Em mil t.**

Regiões	1ª Safra			2ª Safra			3ª Safra			Total		
	2005/06	2006/07	Var. %	2005/06	2006/07	Var. %	2005/06	2006/07	Var. %	2005/06	2006/07	Var. %
Norte	4,0	3,9	-2,5	117,2	123,5	5,4	-	-	-	121,2	127,4	5,1
Nordeste	86,3	119,6	38,6	588,9	535,9	-9,0	416,4	371,9	-10,7	1.091,6	1.027,4	-5,9
Ceará	-	-	-	245,1	246,2	0,4	13,2	10,2	-22,7	258,3	256,4	-0,7
Bahia	86,3	119,6	38,6	-	-	-	250,7	215,8	-13,9	337,0	335,4	-0,5
Pernambuco	-	-	-	61,7	53,9	-12,6	-	-	-	129,8	120,4	-7,2
Paraíba	-	-	-	118,4	83,6	-29,4	-	-	-	118,4	83,6	-29,4
Centro-Oeste	86,1	126,2	46,6	95,0	72,4	-23,8	214,9	214,8	0,0	396,0	413,4	4,4
Goiás	64,2	81,3	26,6	40,1	34,0	-15,2	182,6	182,6	0,0	286,9	297,9	3,8
Sudeste	348,8	371,4	6,5	280,5	262,0	-6,6	218,5	226,7	3,8	847,8	860,1	1,5
M. Gerais	218,8	200,0	-8,6	195,6	189,7	-3,0	122,2	131,3	7,4	536,6	521,0	-2,9
São Paulo	120,8	162,0	34,1	70,0	56,9	-18,7	96,3	95,4	-0,9	287,1	314,3	9,5
Sul	624,1	844,4	35,3	380,6	304,2	-20,1	9,9	10,8	9,1	1.014,6	1.159,4	14,3
Paraná	422,3	558,1	32,2	311,3	244,4	-21,5	9,9	10,8	9,1	743,5	813,3	9,4
Sta. Catarina	116,7	164,0	40,5	38,7	38,5	-0,5	-	-	-	155,4	202,5	30,3
<b>Brasil</b>	<b>1.149,3</b>	<b>1.465,5</b>	<b>27,5</b>	<b>1.462,2</b>	<b>1.298,0</b>	<b>-11,2</b>	<b>859,7</b>	<b>824,2</b>	<b>-4,1</b>	<b>3.471,2</b>	<b>3.587,7</b>	<b>3,4</b>

Fonte: Conab. Elaboração: Deser.

### **Colheita da segunda safra avança**

Além de uma produção que, no conjunto com a primeira safra coloca no mercado um volume maior do produto à disposição do mercado no momento, a segunda safra já está sendo colhida na Região Sul do Brasil e em desenvolvimento sem maiores problemas na Região Nordeste.

No Paraná, o maior produtor na Região Sul e que mais interfere no mercado nesta Região, a colheita já está em pelo menos 20% da área. Neste Estado, havia até o final de abril problemas localizados com a falta de chuvas, mas o retorno desta no final deste mês não deve trazer maiores prejuízos à sua safra.

### **Abastecimento tranquilo**

De qualquer forma, o abastecimento do mercado interno não apresenta maiores problemas em relação à falta de volume para o atendimento desse mercado. Uma produção de aproximadamente 3,5 milhões de toneladas não altera em praticamente nada o balanço de oferta e demanda de feijão no Brasil.

Assim, um consumo que continua estimado em 3,3 milhões de toneladas e um estoque inicial de 355,3 mil toneladas, deve trazer um estoque em todo país de 625 mil toneladas em agosto próximo. Ou seja, o abastecimento do mercado interno deve continuar tranquilo nos próximos meses.

### **Governo interfere de maneira muito tímida no mercado**

A grande variável que poderia mexer no mercado interno no momento seria uma intervenção mais consistente do governo no sentido de um enxugamento do mercado.

Ocorre que o paradigma com que o governo trabalha na área do abastecimento na atualidade não é o da intervenção com compras maciças da produção para posterior comercialização, com vistas a regular preços ao produtor (regulando renda da agricultura) e ao consumidor, regulando níveis de inflação. A estratégia do governo é criar estímulos à atividade privada na comercialização para os que podem (geralmente os agricultores patronais) e políticas específicas para os mais pobres (geralmente os agricultores familiares) dentro do cardápio do receituário do Banco Mundial de não mexer com as estruturas e tentar aliviar os problemas da pobreza para que o sistema não “estoure”.

Assim, o governo fez, no Paraná, o maior Estado produtor na primeira safra, cujo aumento da produção trouxe queda nos preços, a retirada via AGF (Aquisições do Governo Federal) de apenas 6 mil toneladas, ou seja, apenas 1% do volume colhido neste Estado. Via PEP (Prêmio de Escoamento da Produção), mecanismo no qual o governo paga ao comprador parte do custo de comercialização (frete, seguro e impostos) e que, portanto, significa também uma política de concentração de renda, uma vez que recurso público vai para o caixa de empresas que já atuam no mercado, o governo federal retirou mais 30 mil toneladas, ou mais 3,5% do volume da primeira safra. Ou seja, o governo retirou do mercado apenas 4,5% do volume produzido, ou 36 mil toneladas.

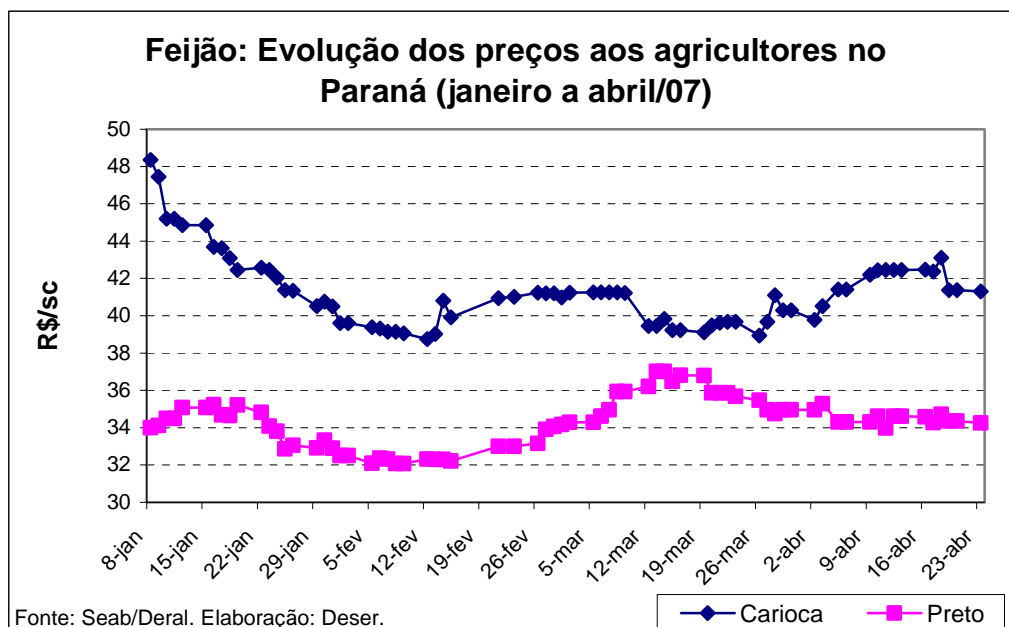
Este mecanismo não significou alteração alguma no mercado, com este não reagindo em momento algum de forma altista, mesmo com isto já sendo aguardado, uma vez que as

estimativas davam conta da necessidade da retirada de, pelo menos, 100 mil toneladas de feijão do mercado paranaense.

**Preços aos agricultores continuam abaixo do mínimo**

Por conta da situação descrita acima, os preços do feijão aos agricultores no mercado interno estão estáveis, em níveis abaixo do mínimo, ao redor dos R\$ 40,00/sc para o feijão carioca e de R\$ 34,00/sc para feijão preto desde pelo menos o final de janeiro.

No Paraná, os agricultores recebem atualmente R\$ 41,30/sc pelo feijão carioca e R\$ 34,25/sc pelo feijão preto, praticamente o mesmo preço de fevereiro e 47% e 25%, respectivamente, inferiores aos preços de um ano atrás, no final de abril de 2006. A situação é a mesma tanto no Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina, onde os preços aos agricultores estão entre 44% (feijão carioca) e 18% (preto) inferiores às cotações de um ano atrás.



A questão é que de agora em diante, com a entrada da segunda safra, num ano de elevados estoques, como visto acima, se tenha continuidade desses níveis de preços. Esta situação só se alterará, infelizmente para alguns agricultores, num momento em que ocorrer algum prejuízo às lavouras da segunda ou da terceira safra. Além disso, como o governo não vai intervir de forma decisiva no mercado, a tendência é de preços melhores somente com um rendimento menor da terceira safra, mas isto somente a partir de setembro deste ano.